

# O domínio das línguas envolvidas no ato de tradução e interpretação

A proposta deste capítulo é refletir sobre a necessidade de não apenas fazer uso das línguas envolvidas no processo de tradução – e isso já não é pouco –, mas também de conhecê-las em sua estrutura e funcionamento. Portanto, noções relativas à diferença entre saber uma língua e conhecer sua estrutura, ao que se entende por conhecer a estrutura de uma língua, ao contraste entre línguas orais e de sinais, aos desafios advindos da diferença de modalidades de línguas e do estabelecimento, ainda em curso, de uma variedade padrão da Libras são abordados com o fim de alcançar o propósito estabelecido.

## Diferença entre saber uma língua e conhecer sua estrutura

A diferença entre saber uma língua e conhecer sua estrutura pode ser esclarecida, mais facilmente, por meio da metáfora da diferença entre um motorista e um mecânico. Um motorista pode usar muito bem seu carro sem conhecer como ele funciona por dentro, quais são as peças do motor, como elas trabalham em conjunto, como acontece o processo de arranque ou de frenagem. O bom motorista sabe que para parar seu carro precisa acionar o pedal da embreagem e do freio, não precisa saber o que ocorre sob o capô. Esse é o trabalho do mecânico, que é quem precisa ter o conhecimento sobre como funcionam os mecanismos de acionamento do freio e da arrancada, por exemplo, pois apenas por meio desse conhecimento poderá desempenhar seu trabalho: descobrir por que o carro não arranca, por que não freia etc.

Pode haver um mecânico que não saiba conduzir um carro, embora isso seja bastante incomum, pois saber usar o carro e detectar as falhas em seu uso lhe dá indícios de onde procurar o problema de funcionamento, e é seu conhecimento técnico do funcionamento que lhe permitirá resolver adequadamente o problema. Poucos motoristas conhecem o funcionamento de um carro a ponto de resolverem sozinhos os problemas que ele

pode apresentar, mas a questão é que o motorista não precisa conhecer o funcionamento da máquina no que não diz respeito ao seu uso. Assim é saber falar uma língua, sabe-se dela o que é necessário para “fazê-la andar”, para pô-la em uso. Conhecer a estrutura da língua é ir além do uso, é conhecer os mecanismos que possibilitam o uso. O trabalho do intérprete se compara ao do mecânico-motorista, com a diferença crucial de que o intérprete tem, necessariamente, que saber usar-conduzir as línguas envolvidas na tradução. Por meio do saber a língua – o uso, o implícito –, o intérprete pode verificar dificuldades no processo de tradução e encontrar, através de seu conhecimento técnico, a solução.

Com isso, percebe-se que ser usuário de uma língua dá ao indivíduo um conhecimento intuitivo sobre ela, conhecimento muito importante e útil, é verdade, mas que, sozinho, não é suficiente para exercer a função de tradutor e intérprete, que exige um conhecimento técnico, consciente e sistemático da língua a ser traduzida, interpretada ou ensinada. Discorrendo sobre o tema e empreendendo uma discussão em torno do tradutor ideal, no sentido daquele que se deveria ter à disposição – não entenda, estudante, “ideal” como “perfeito”, pois são conceitos muito diferentes –, e suas capacidades, Rónai afirma:

Esse conhecimento sólido da própria língua, critério certo de toda educação humanística, consegue-se – já se vê – mediante a leitura atenta e contínua de bons autores, pela frequentação de livros inteligentes *sobre o próprio idioma*, pelo estudo incessante dos meios de expressão. [...] Em resumo, o tradutor deve conhecer a língua estrangeira o bastante para desconfiar de cada vez que a compreensão insuficiente de uma palavra ou de um trecho obscurece o sentido do conjunto. (RÓNAI, 1976, p. 10-11, grifo do autor)

Entendida a diferença entre uso e conhecimento da língua, parte-se agora para a definição sobre o conhecimento da estrutura das línguas envolvidas, como pode ser alcançado e por que motivo é requerido.

## O domínio da estrutura linguística na tradução e interpretação

Quadros (2007, p. 73) ao falar das competências exigidas do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais arrola em primeiro lugar a competência linguística, definida pela autora como a habilidade de manipular com as línguas envolvidas no processo de interpretação, de modo a “distinguir as ideias principais das ideias secundárias e determinar os elos que determinam a coesão do discurso”. Dominar as línguas envolvidas, então, é a primeira condição necessária ao exercício da profissão. Mas esse domínio, como visto anteriormente, não se resume ao saber usar, é preciso conhecer a estrutura, o funcionamento das línguas.

É importante ter em mente que esse conhecimento não deve ser encarado como o domínio de uma série de estruturas e suas respectivas nomenclaturas. Ele deve permitir ao profissional analisar o uso que faz das línguas envolvidas na tradução para encontrar os pontos a melhorar em interpretações futuras, para descobrir soluções aos problemas encontrados durante o trabalho, deve ser útil como uma caixa de ferramentas é ao mecânico de que se falou antes.

Para não ficar apenas no campo da argumentação sobre a utilidade do domínio da estrutura, apresenta-se, a seguir, alguns casos ilustrativos. Uma categoria linguística que costuma ser um fator complicador entre línguas, sejam quais forem, é a de tempo, pois cada língua recorta essa categoria de uma determinada maneira. Um exemplo entre línguas orais pode ser encontrado na tradução do *Present Perfect*, do inglês, para o português. O *Present Perfect* é uma das formas do tempo presente em inglês que serve para expressar situações anteriores (passadas em relação a um ponto de referência específico) mas relacionadas ao momento presente. Em português, não há um substituto formal para esse tempo. Não há, na língua portuguesa, um tempo verbal que substitua esse tempo verbal inglês preservando todos os significados que ele agrega. Ainda assim, o bom tradutor do inglês para o português sabe que, a depender do contexto, a forma do *Present Perfect* pode ser traduzida para o pretérito perfeito simples, para o presente, para o pretérito perfeito composto. Mas a escolha vai ser determinada pelo nível de entendimento que o tradutor possui sobre o tempo inglês e sobre as possibilidades de tradução desse tempo. Por exemplo, se o significado relevante, o qual foi destacado no contexto, é a relação com o momento presente, a melhor opção em português é o tempo presente. Por outro lado, se o destacado é uma situação com início no passado e ainda válida para o tempo presente, a melhor opção é o pretérito perfeito composto. Por fim, se a intenção é chamar mais a atenção para o fato de a situação ser anterior, ainda que mantenha alguma relação com o momento presente, a possibilidade de tradução adequada é o pretérito perfeito simples.

O sistema temporal também representa um desafio para os intérpretes durante a tradução do português para a Libras. Essa língua possui as três divisões básicas de tempo: passado, presente e futuro. Como nos outros sistemas temporais de outras línguas, a Libras organiza a categoria de tempo a partir do momento presente como revela o excerto abaixo:

[...] o sinalizante sempre está no momento presente, visto que o seu corpo está presente. Nesse sentido, as referências temporais são feitas a partir do eixo do corpo – para frente, indicando o futuro, para trás, referindo-se ao passado e, no centro, indicando o momento presente, que também representa o espaço neutro. (QUADROS; SOUZA, 2008, p. 176)

É possível depreender, então, que a Libras organiza seu sistema temporal com base nesses três momentos – futuro/tronco para frente, passado/tronco para trás, presente/tronco no centro –, correspondentes a três formas. Inicialmente, não se pode concluir que a Libras tenha subdivisões temporais para esses momentos aos quais corresponderiam outras formas de tempo. Nesse sentido, o passado, em português, pode ser subdividido, possuindo formas específicas para veicular essas subdivisões, já o mesmo não ocorre na Libras. Ela pode dar conta de relações temporais complexas, mas não possui formas na língua específicas para isso. Analise o seguinte caso em português e depois reflita sobre a Libras:

Nos casamos muito jovens, eu era professora, ele estava desempregado, fora soldado por algum tempo, mas desistiu da carreira militar para se casar comigo.

No enunciado acima, há pelo menos cinco situações diferentes que se distribuem distintamente na linha do tempo. Como você pôde perceber, há referência às situações de: casar jovem, ser professora, estar desempregado, ser soldado e desistir da carreira. Se lhe pedissem para organizar os fatos referidos no enunciado pela ordem de acontecimento, você chegaria a:

1. No passado, ele foi soldado.
2. No passado, ele desiste de ser soldado.
3. Ele fica desempregado.
4. No passado, entre o tempo de ele ser soldado e se tornar desempregado, ela era professora.
5. Quando ela era professora e ele desempregado, eles se casaram.

A partir desse esquema, você pode compreender quantas relações complexas de organização temporal dos fatos o ser humano pode fazer. Disso, importa ressaltar o fenômeno de algumas relações serem codificadas em formas específicas de expressão. Por exemplo, para expressar que o fato de ser soldado é um fato passado anterior a outros fatos também passados (casar, desistir de ser soldado, ficar desempregado), a língua portuguesa possui a forma do tempo verbal denominada de pretérito mais-que-perfeito (*fora* soldado), que não encontra equivalente formal na Libras. Entretanto, o bom conhecedor da língua portuguesa, ciente da organização temporal expressa por essa forma verbal, procurará, em sua tradução para a Libras, transportar o significado de que ser soldado é uma situação que precede todos os outros acontecimentos.

Com esses dois exemplos, você pode avaliar por si mesmo em que sentido o conhecimento da estrutura das línguas envolvidas é uma ferramenta auxiliadora no exercício da profissão. Como dito antes, esse conhecimento não deve ser do tipo classificatório – identificar e nomear estruturas –, e sim funcional – agir sobre os fatos da língua. Para além da estrutura, para além do já estabelecido nas gramáticas, há ainda a variação e inovação linguística, exploradas na próxima seção.

## A questão da variação linguística e do neologismo em Libras

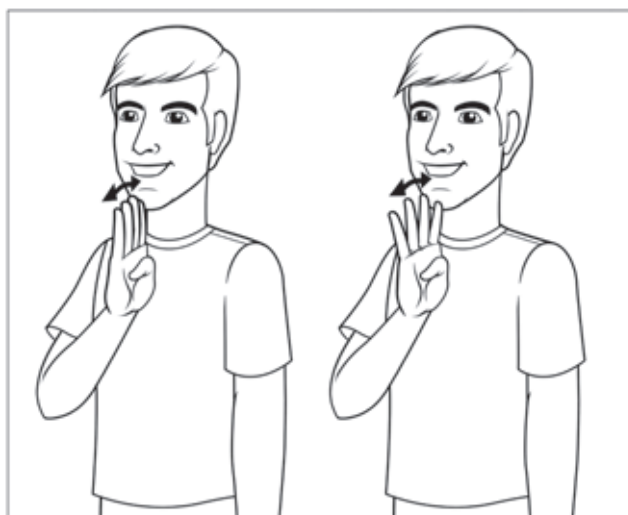
Ter o conhecimento implícito e explícito de uma língua garante ao tradutor e intérprete sanar problemas das mais distintas ordens, inclusive os relacionados à variação e à inovação linguística. Estar muito bem aparelhado linguisticamente, seja via uso da língua, seja via seu estudo, possibilita ao profissional “desconfiar” das palavras que não conhece, das estruturas que lhe parecem atípicas. Desconfiar do que não soa natural numa dada língua é um recurso instintivo que pode ser adquirido no uso e no estudo da mesma. Além de se preocupar com o que é ou não próprio da língua, o intérprete precisa estar atento ao que é da língua mas não de uma determinada variedade da língua que se está interpretando. “Como assim, variedade da língua interpretada?”, você deve estar se perguntando.

As línguas, além de serem diferentes entre si, apresentam diferenças, variações em relação a elas mesmas. As variações numa mesma língua podem acontecer em níveis diferentes, no lexical, no fonético, no sintático, e serem derivadas de fatores como região, nível social do usuário, o público a quem o falante se dirige, a situação de comunicação – se formal ou informal – e ainda do funcionamento interno das regras da própria língua. A fruta tangerina, por exemplo, recebe diferentes nomes conforme a região do Brasil: “mexerica” ou “bergamota” em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, “mimosa” na capital paranaense. Em Santa Catarina, diferentemente do constatado no Paraná, há uma variação entre as formas “tu” e “você” conforme o nível de intimidade entre os envolvidos numa conversa.

No nível sintático, é comum detectar a variação na marcação de plural na fala de pessoas em situação informal de comunicação ou na fala de pessoas com baixo nível de escolaridade: Eles são *rebelde* mesmo. Já variações como *menino* X *minino* se devem a regras fonéticas de funcionamento interno da língua. A Libras, enquanto língua viva e em plena evolução como o português, também

apresenta variações. Trata-se de uma variação regional da Libras, por exemplo, o sinal de “mãe” usado no Rio de Janeiro e o usado na região Sul. No Sul, o sinal de “mãe” é realizado pela junção dos sinais de “mulher” e “bênção”, no Rio de Janeiro o sinal é realizado com o dedo indicador tocando a lateral do nariz.

Também existem na Libras variações no nível fonético, que envolve os parâmetros de formação de sinais. Nesse sentido, o sinal de “conhecer” apresenta pelo menos duas realizações possíveis. Numa, a mão em B toca o queixo de forma que a lateral exterior do dedo indicador entre em contato com o queixo, noutra o indicador, com a mão também em B, mas os dedos entreabertos, toca o queixo de forma que o contato é estabelecido pela ponta do dedo.



IESDE Brasil S.A.

Essa variação não é específica de uma região, nem apresenta relação com o nível de escolaridade do sinalizante. Aparentemente, trata-se de uma variação individual, de uma maneira particular de sinalização de algumas pessoas, que altera um detalhe na formação do sinal, não implicando, contudo, mudança de significado. Sim, a variação também pode ocorrer de pessoa para pessoa como marca de individualidade, mas essa variação não deve representar obstáculo à comunicação entre sinalizadores de uma mesma comunidade de fala.

Comunidade de fala é um conceito cunhado pela sociolinguística. Ele dá conta de que os falantes de um grupo compartilham traços linguísticos que os diferenciam de falantes de outros grupos; comunicam-se mais entre si do que com os outros; e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Na verdade, a variação linguística, independentemente do fator, geralmente não apresenta obstáculo à comunicação dos usuários de uma mesma língua, a maior parte das variações passa despercebida no dia a dia. Mas as variações no léxico – nas palavras, nos sinais – podem gerar ambiguidades, ou incompreensão. Em relação à Libras, Avelar (2009) discute que em certos ambientes, como o de ensino-aprendizagem a distância, a variação de sinais presente na sinalização de professores e tradutores oriundos de diferentes partes do Brasil dificulta o entendimento dos alunos quanto aos conteúdos tratados. Esse é um caso de situação de comunicação formal, em que o desejado seria o emprego de uma variante padrão da Libras, ou ao menos que os sinais variantes fossem padronizados, em comum acordo, entre professores, tradutores e alunos. O problema da padronização também é discutido por Avelar (2009), que aponta ainda uma certa resistência por parte dos sinalizantes de sua pesquisa, pois cada um, em maior ou menor grau, defendia a sua identidade regional. O problema de uma variedade padrão da Libras é bastante complexo. Claro que há relatos, você mesmo, estudante, pode já ter vivenciado isso, sobre uma espécie de intolerância dos surdos quanto à variação regional de sinais, posto que ao se depararem com sinais variantes, embora entendam perfeitamente do que se trata, empreendem logo a “correção” do sinal. Porém, não se pode atribuir a essa resistência a “falta” de uma variedade padrão, já que o estabelecimento de uma variedade padrão em qualquer língua está diretamente relacionado à escrita. As formas de uma língua são cristalizadas e disseminadas por meio da escrita e estando a Libras ainda em processo de aperfeiçoamento e divulgação de sua escrita é difícil falar na existência, de fato, de uma variedade padrão dessa língua.

Isso não significa, por outro lado, que a Libras seja apenas um conjunto de variedades linguísticas espalhadas pelo Brasil, significa apenas que, comparada às línguas com sistemas de escrita, ela ainda não possui um instrumento facilitador do processo de padronização, capaz de alcançar os usuários dessa língua em qualquer região do país, com uso mínimo de tecnologia – sem precisar de DVDs, por exemplo. Em sua atuação profissional, o intérprete deve levar em conta a questão da variação linguística. Deve fazer suas escolhas lexicais e de estrutura levando em conta o público para o qual se dirige, tomando como critério se as escolhas podem ou não dificultar a compreensão do público ou se a variação foi intencional na fala de quem está traduzindo, precisando, assim, ser respeitada. Sob tais circunstâncias, no contexto de sala de aula, se o professor está tratando justamente do tema da variação linguística, é evidente que as variações apresentadas pelo professor devem ser repassadas ao estudante surdo, pois há um objetivo específico, intencional, no uso das variantes. De forma diferente, numa

palestra que reúne surdos do Sul do Brasil para assistir a uma palestra sobre o tema “família”, na ocorrência da palavra “mãe”, por uma questão de bom senso, a sinalização mais adequada é aquela mais conhecida e usada pelo público, nesse caso, o sinal MULHER^BÊNÇÃO.

Além da variação linguística, outra situação que exige a competência linguística, técnica e o bom senso do intérprete é a criação de sinais, os neologismos. Sem dúvida, sinais podem e devem ser criados quando as necessidades de comunicação assim requererem, mas não de forma aleatória, sem discussão num grupo maior, envolvendo usuários fluentes da língua. O fenômeno do neologismo na Libras tem sido verificado, de modo mais evidente, no âmbito dos cursos de licenciatura e bacharelado em Libras. Por precisarem trabalhar com muitos conceitos e termos técnicos até então não vistos na Libras – por uma simples questão de não terem sido necessários –, professores, tradutores, intérpretes e alunos se veem cunhando novos sinais para se apropriarem dos conhecimentos produzidos pelas áreas da linguística, tradução, literatura etc. Ademais, os sinais criados precisam estar de acordo com os parâmetros de formação de sinais, respeitando, assim, a estrutura interna da língua. O intérprete, sozinho, não tem como cunhar novos sinais, mas faz parte de sua responsabilidade estar atento, na medida do possível, às inovações conceituais e terminológicas que estão se estabelecendo em sua língua de trabalho. Por fim, a Libras, assim como as línguas orais, pode sofrer aumento de vocabulário, e consequente enriquecimento conceitual, também por meio de empréstimos de outras línguas de sinais ou da própria língua portuguesa escrita. Um exemplo de empréstimo da língua portuguesa escrita é o *N-U-N-C-A*, cuja soletração recebeu um movimento próprio da Libras, passando a pertencer a essa língua.

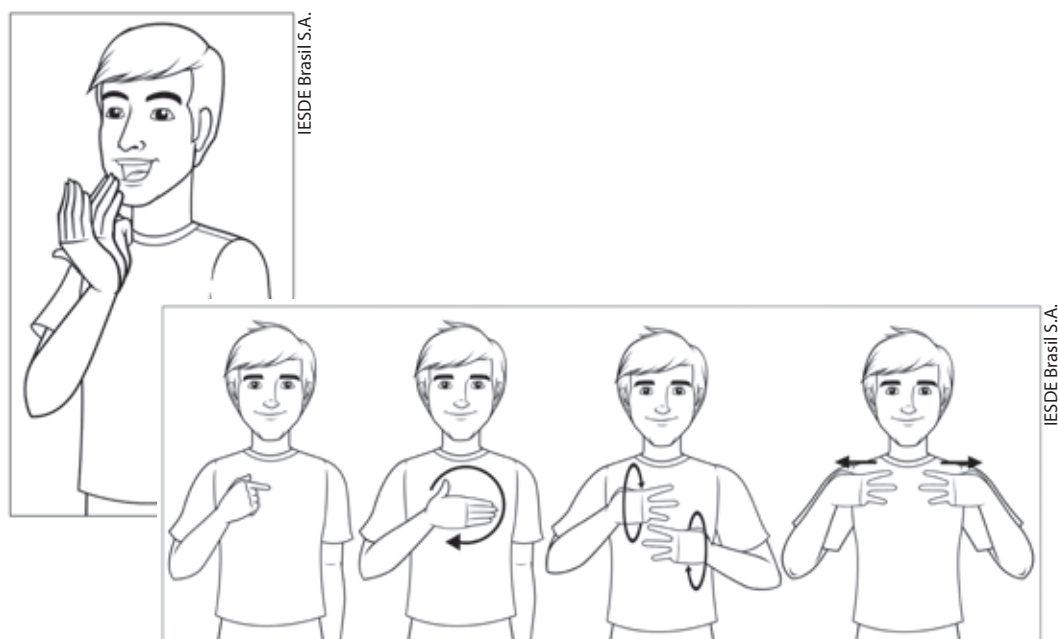
## As implicações da modalidade de língua na tradução e interpretação

Não bastassem as dificuldades advindas do próprio ato de tradução quando as línguas são de uma mesma modalidade, isto é, quando língua-fonte e alvo são orais ou visuais, há ainda os desafios instaurados na tradução de línguas de modalidades distintas. No caso da Libras e da língua portuguesa, a primeira é de modalidade visual-espacial, e a segunda, oral-auditiva. Isso significa que a Libras apreende as coisas do mundo com base nas experiências visuais das comunidades surdas, por meio das trocas culturais e linguísticas dessas comunidades. Já a língua portuguesa constitui-se baseada nos sons. Por ser uma língua visual-espacial,



cial, a Libras apresenta uma sintaxe espacial. Isso significa, por exemplo, que processos anafóricos são estabelecidos por meio de pontos estabelecidos no espaço, a cada vez que o sinalizante volta a esse espaço preestabelecido está fazendo uso da anáfora. Em português, um dos recursos anafóricos são os pronomes. Então, numa frase como “você não respeita minhas ideias e eu não gosto disso”, o pronome “disso” estabelece uma relação anafórica com “você não respeita minhas ideias”. Também no campo dos processos sintáticos, a Libras emprega a estrutura tópico-comentário de uma forma mais recorrente do que na língua portuguesa. Um exemplo de estrutura tópico-comentário na Libras é o seguinte:

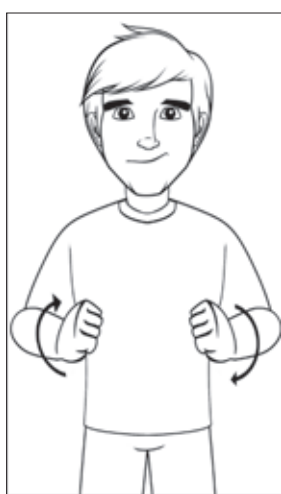
<COMIDA>top EU GOSTAR MACARRÃO



No caso acima, o tópico, assunto, retomado no discurso sobre o qual se falará, recebe como marca a elevação das sobrancelhas, por isso a representação <COMIDA>top. Ainda em relação à estrutura sintática, a estrutura de foco é empregada na Libras por meio de repetições sistemáticas, processo incomum na língua portuguesa. No campo intermediário, entre morfologia e sintaxe, a Libras não apresenta marcação de gênero. Ao falar em marcação, há que se distinguir marca formal de gênero, entendida como morfema, e referência ao gênero enquanto significado. Mesmo não possuindo morfologia para gênero, a Libras é capaz de diferenciar a noção de masculino e feminino por outros recursos. Assim, a frase do português “João encontrou minha bolsa ontem” apresenta marca de gênero – morfologia própria para referir-se ao gênero – no pronome possessivo

“meu”, concordando com o substantivo “bolsa”. Numa tradução dessa frase para a Libras, o pronome possessivo ficaria sem a marca de feminino, antes presente no português, na verdade, ficaria sem marca nenhuma de gênero. Afinal, não se pode concluir que na ausência de marca de feminino restaria a de masculino.

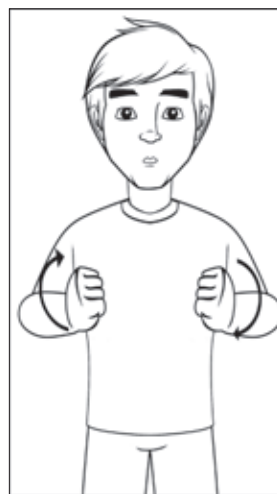
Em português, os falantes usam muitas expressões faciais, mas elas, diferentemente da Libras, não desempenham um papel gramatical. Na Libras, por sua natureza visual-espacial, as expressões faciais, além de expressarem emoções, cumprem papéis como marcar se uma frase é interrogativa, exclamativa, imperativa, afirmativa, o que em português é codificado através da entonação da frase. Também é possível marcar estruturas sintáticas como o condicional e a oração relativa. Ainda a marca de grau dos substantivos e adjetivos é composta por meio da expressão facial, como retratam os exemplos abaixo:



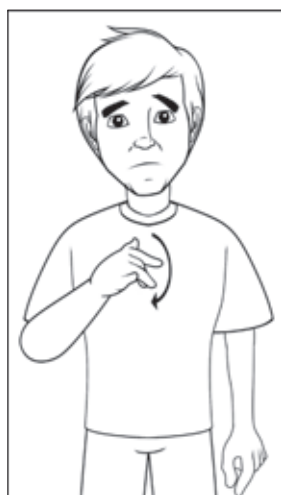
Carrinho



Carro



Carrão



Coitadinho



Coitado



Muito coitado

A diferença de modalidade da Libras requer, inclusive, uma escrita que não tenha base sonora. Todavia, escritas que não se pautam pelo som não são privilégio das línguas de sinais. O japonês, a propósito, é uma língua de escrita que não se baseia no som, seu sistema de representação da língua é o ideográfico. Numa forma simplificada, isso significa que eles possuem símbolos que remetem às ideias e significados por eles pretendidos. O sistema de escrita da Libras se assemelha um pouco ao sistema japonês, posto que ambos lidam com uma representação da língua que não é guiada pelo som. No entanto, a Libras, devido às suas características visuais e espaciais, precisa codificar em sua escrita coisas como: *configuração de mão*, *orientação*, *ponto de articulação*, *movimento* e *expressão facial*. Nesse caso, se bem pensado, pode-se dizer que a escrita de sinais segue um princípio fonológico à medida que representa os sinais com base nos cinco parâmetros de composição de sinais. Esclarecendo que fonológico é entendido como o nível onde as línguas possuem elementos distintivos, sejam eles sonoros ou visuais, que, sozinhos, não veiculam significado. Nesse sentido, o parâmetro *movimento* sozinho não atribui significado, da mesma forma que o fonema /b/ isolado também não, são apenas elementos distintivos que combinados com outros elementos distintivos da língua vão formar uma palavra ou sinal. A junção dos parâmetros *configuração de mão* em S, *ponto de articulação* no peito, *orientação* da palma na direção do peito, *movimento* circular e *expressão facial* resultam no sinal SAUDADE. Justamente por procurar essa representação baseada num princípio fonológico, a Libras se afasta da escrita do japonês, em que o sistema de representação não tem base fonológica.

Até aqui, foram abordados alguns dos reflexos da modalidade de língua na estruturação da Libras, cabe agora discutir as implicações da diferente modalidade nas condições de trabalho de tradutores e intérpretes dessa língua. A primeira questão, já que se trata de uma língua visual-espacial, diz respeito à exposição física dos intérpretes e tradutores ao verterem da língua portuguesa para a língua de sinais. Como os canais de recepção e produção são diferentes por conta de os surdos não terem a audição à disposição, eles não têm como checar a interpretação feita pelo intérprete. No caso de interpretação entre duas línguas de sinais, desde que se entenda razoavelmente a língua traduzida, o surdo pode checar o quanto de informação está recebendo e o nível de adequação da mesma. Isso também ocorre na interpretação de línguas orais, nas quais o público, com entendimento razoável da língua, pode conferir as informações recebidas pela interpretação.

Contrastando com as interpretações de línguas orais, os intérpretes de línguas de sinais estabelecem um vínculo com os surdos através do olhar, depen-

dendo da disposição física dos participantes. Esse vínculo permite também o acesso a comentários e indagações durante a interpretação sem interferência direta no discurso do falante, uma vez que ao traduzir do português para a Libras o intérprete não interfere (não atrapalha) a fala do palestrante. Ademais, esse contato intenso leva a uma relação de confiança, que ultrapassa o nível profissional. Até porque, para se manterem usando a Libras, praticando e aprendendo, os intérpretes precisam conviver com os surdos, pois não há outra forma de acesso a essa língua. Sob tal circunstância, Quadros (2007, p. 85) revela:

Muitos surdos que apresentam trabalhos têm o seu intérprete particular e não aceitam outros profissionais por não confiarem em seu trabalho. Um profissional sem credibilidade certamente não será bem-sucedido. Diante dessas informações, considera-se fundamental que o intérprete reveja o seu processo de aquisição da língua de sinais e reflita sobre qual o seu desempenho na tradução e interpretação de uma para outra língua.

Por isso é imprescindível considerar as diferenças suscitadas pela modalidade da língua no processo de domínio e interpretação da mesma sob pena de ser taxado como um profissional não confiável, despreparado, portanto, sem “uso” no mercado de tradução e interpretação da Libras. Não se deve desconsiderar, ainda, o fato de que línguas diferentes, a despeito da modalidade, fazem leituras distintas da realidade, as quais se refletem no ato tradutório e interpretativo como você constatará a seguir.

## Tradução acarreta o recorte de uma realidade

Para compreender por que a tradução é o recorte de uma realidade, é preciso ter em mente o fato de o uso da língua ser um instrumento de recorte da realidade. Em outras palavras, isso significa que a realidade, ela mesma, é uma, mas a leitura feita dela pelas mais variadas culturas e línguas pode escolher realçar certos aspectos, e não outros. Para ilustrar, pense numa realidade que pode ser considerada, ela mesma, como aplicável a qualquer ser humano: ter irmãos. Parece muito aceitável que ter irmãos é algo passível de acontecer a qualquer pessoa. Aqui no Brasil, as pessoas podem ter *irmãos* e *irmãs*, isto é, o falante do português chama o filho homem de seu pai de *irmão* e a filha mulher de seu pai de *irmã*. Esse recorte é feito pela língua portuguesa e muitas outras línguas (o inglês, o espanhol, o francês), mas não por todas as línguas. Há línguas, conforme Malmberg (1976, p. 67):

[...] que não conhecem os conceitos, tão naturais para nós, de *irmão* e *irmã*, mas os classificam, dando-lhes distintos nomes, entre “irmãos maiores” e “irmãos menores” (ou irmãs). [...] Há povos para os quais essa denominação de *irmão*, por si só, comporta uma imprecisão a que lhes é muito difícil habituarem-se quando têm que expressar-se em outra língua que não tem essa distinção.

Observe que a diferença não está nas coisas do mundo, mas na maneira como elas são apreendidas e categorizadas. Essas distinções, codificadas nas línguas, se revelam um verdadeiro desafio ao tradutor e intérprete no desempenho de sua função. Isso não leva, todavia, à conclusão de que é impossível dar conta das variações de recortes no traslado de uma língua para outra. Chama a atenção, isso sim, para a necessidade de o profissional estar atento a que aspectos realçados por uma dada língua-fonte transportar para a língua-alvo. A depender do contexto, do objetivo, não há prejuízo do sentido da mensagem como um todo em se traduzir algo que denomine “irmão maior” apenas por “irmão”, mas é tarefa do tradutor, por intermédio de seu bom senso e, principalmente, pelo domínio das línguas envolvidas, julgar quando isso é possível. Ao encontro desse posicionamento, tem-se que:

[...] todo texto é alguma coisa mais do que a simples soma das palavras que o compõem. O que devemos traduzir é sempre algo mais, isto é, a mensagem. E não há duas línguas que exprimam uma mensagem de certa complexidade de modo completamente igual. A língua A ora explicita algo que na língua B fica subentendido; ora deixa de exprimir, por óbvio, algo que naquela exige uma ou várias palavras. (RÓNAI, 1976, p. 48-49)

O autor cita como exemplo disso o emprego de palavras não nocionais, sem sentido, que servem “apenas” como instrumentos gramaticais e que, em teoria, não oferecem problemas ao tradutor. Para ilustrar, Rónai toma o caso do artigo definido, “essa palavrinha tão inexpressiva [...]”. O problema estaria posto, segundo ele, quando se traduz de uma língua-fonte sem essa categoria de palavra para uma língua-alvo possuidora do artigo definido. Assim é o caso de uma tradução do latim para o português. “Cada vez que num texto latino ocorre um substantivo o tradutor opta, ainda que inconscientemente, entre três soluções: fazendo-o preceder de artigo definido, ou indefinido, ou deixando-o sem artigo nenhum” (1976, p. 49).

Além disso, o autor cita o caso de um filme francês cujo título teve que ser mudado pelo autor, obrigado pela censura. O título original “La femme mariée”, modificado para “Une femme mariée”, podia passar a ideia, segundo o censurador, de que todas as mulheres casadas praticavam o adultério pela presença do artigo definido “La”. Agora imagine, se isso pode ocorrer com o artigo, considerado por muitos como “sem sentido”, que outros problemas um tradutor ou intérprete não encontra no momento de pôr dois mundos em contato. Afinal, esse contato não é direto, é feito por meio do trânsito entre duas línguas. Como as línguas recortam o mundo ao seu redor de modos diferentes, também a tradução e interpretação é um recorte de mundo. Recorte à medida que precisa “descobrir” qual a mensagem central a ser passada, qual o significado pretendido, e também deve eleger as formas (palavras, estruturas gramaticais, o tom)

nas quais incrustar tal mensagem, sem perder de vista, contudo, o impacto que as escolhas da forma podem gerar sobre o conteúdo, como bem ilustra o caso citado por Rónai. A seguir, no texto complementar você pode refletir sobre o assunto desta aula em relação ao domínio da Libras e do português. Boa leitura!

## Texto complementar

### Contrastes entre a Língua Brasileira de Sinais e a língua portuguesa

(QUADROS, 2007, p. 68-71)

[...]

Estes dois trechos de tradução e interpretação simultânea do português para a Língua Brasileira de Sinais evidenciam a grande perda de informação durante o processo, bem como a distorção da informação em vários momentos. Não há observância da estrutura da língua de sinais em várias passagens, as escolhas lexicais são inadequadas e o conteúdo semântico é mudado, por exemplo:

**(1) ... TEMPERATURA DIMINUIR BAIXO FRIO MUITO C-I-L-I-C-A MUITO COLOCAR G-S MISTURAR (versão do intérprete)**

*... baixa temperatura, altas quantidades de celíaca, altas quantidades de gases nestas celíacas (versão em português)*

Na língua brasileira de sinais, a estrutura equivalente seria:

**(1a) ... T-E-M-P-E-R-A-T-U-R-A BAIXA, C-E-L-I-A-C-A ALTO, G-S ALTO IX<CELIACA>**

O intérprete escolheu o sinal DIMINUIR ao invés do sinal BAIXA, acrescentou a informação FRIO que não consta na versão original, não utilizou o anafórico para indicar que na celíaca havia altas quantidades de gases, modi-

ficando o significado da sentença dizendo que os gases se misturaram com a celíaca. Além disso, utilizou o sinal MUITO para indicar ALTO.

Em quase todas as passagens encontram-se distorções graves desse tipo. Isso evidencia a falta de domínio das línguas utilizadas pelos intérpretes e a falta de habilidade em realizar a tradução e interpretação simultânea.

Também foram observados acréscimos de informações. O intérprete faz uma interpretação do que está sendo dito e oferece explicações pessoais a respeito do conteúdo que está sendo ministrado pelo professor. Veja a seguinte passagem:

|  |  |
|--|--|
| <b>A medida que vai diminuindo, começa a aumentar a quantidade dos outros. Olha aqui ó... Principalmente porque há ferros magnesianos.</b> | JUNTO SURGIR M-A-G-M-A-S<br>TAMBÉM PEDRA G- R-A-N-I-T-I-N-O<br><HN> POR CAUSA M-A-G-M-A-S TER<br>MAIS MAIS SURGIR Q-U-A-R-T-Z-O C-<br>I-L-I-C-A DIMINUIR DIMINUIR COME-<br>ÇAR OUTRO AUMENTAR AUMENTAR<br>C-I-L-I-C-A DIMINUIR |
| <b>O que são ferros magnesianos?</b>   |  |
| <b>Temos os minerais. Eu vou falar dos minerais magnos e feltono (?)</b>   | Ferro M-A-G-N-E-S-I-A-N-O au-<br>mentar junto mais mais mais N-I-Q-<br>U-E-L diminuir  |

Vejam que nessa passagem, o intérprete tirou conclusões sobre o conteúdo ministrado pelo professor e ofereceu suas conclusões na língua-alvo.

Outra constatação da pesquisa se refere à qualidade da interpretação. Na medida em que o tempo passa, se perde qualidade na interpretação. Os erros nas escolhas lexicais, os erros nas decisões quanto ao significado são progressivamente muito maiores após a primeira hora de interpretação simultânea.

Um problema comum observado entre os intérpretes em sala de aula, principalmente após algum tempo de interpretação simultânea, embora tenha sido encontrado em alguns casos também no início da atuação, foi a simplificação das informações. A amostra de Amy evidencia esse aspecto:

|  |  |
|--|--|
| <b>A medida que vai diminuindo, começa a aumentar a quantidade dos outros. Olha aqui ó... Principalmente porque há ferros magnesianos.</b> | JUNTO SURGIR M-A-G-M-A-S<br>TAMBÉM PEDRA G- R-A-N-I-T-I-N-O<br><HN> POR CAUSA M-A-G-M-A-S TER<br>MAIS MAIS SURGIR Q-U-A-R-T-Z-O C-<br>I-L-I-C-A DIMINUIR DIMINUIR COME-<br>ÇAR OUTRO AUMENTAR AUMENTAR<br>C-I-L-I-C-A DIMINUIR |
| <b>O que são ferros magnesianos?</b>   |  |
| <b>Temos os minerais. Eu vou falar dos minerais magnos e feltono (?)</b>   | Ferro M-A-G-N-E-S-I-A-N-O au-<br>mentar junto mais mais mais N-I-Q-<br>U-E-L diminuir  |
| <b>E o que eu tenho?</b>   | TEM SINAL (SIGNIFICADO) MEU<br><HN>  |
| <b>Aquilo que tem um significado para mim. O que não tem significado, eu não vou selecionar.</b>   | ASPASTEM SINAL MEU <HN> CO-<br>LOCAR PEGAR COLOCAR PEGAR   |
| <b>Como se forma isso?</b>   |  |
| <b>Então, como é?</b>  |  |
| <b>Eu já tenho um conhecimento prévio e adquiero um conhecimento novo.</b>   | AGORA CONHECER NOVO PRECI-<br>SA APRENDER MELHOR   |

Essas amostras ilustram os seguintes problemas identificados no processo de tradução e interpretação da língua portuguesa para a língua de sinais:

1. omissão de informações dadas na língua-fonte;
2. acréscimos de informações inexistentes na língua-fonte;
3. distorções semânticas e pragmáticas em menor ou maior grau do conteúdo veiculado na língua-fonte;
4. escolhas lexicais inapropriadas.

Os comprometimentos gerados a partir destes problemas são tão grandes que as questões estruturais ficaram em segundo plano. As estruturas lin-



guísticas utilizadas apresentam inadequações, mas o comprometimento no nível semântico é tão maior e as escolhas lexicais são tão equivocadas que inviabilizaram a análise no nível puramente estrutural.

A existência de problemas dessa ordem evidencia que a necessidade de profissionalização do Intérprete de Língua de Sinais através de formação e qualificação permanente é urgente. Os intérpretes precisam de instrumentalização formal para atuar nessa profissão.

---

## Dicas de estudo

*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, editora Lexikon, 2008.

Obra de referência sobre a norma culta do português do Brasil. Pode e deve ser usada como recurso de consulta e estudo para o melhor domínio das estruturas da língua portuguesa.

*Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*, de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp, editora Artmed, 2004.

Embora se recomende a leitura de toda a obra, os capítulos de 2 a 4 se constituem em valiosa ferramenta de estudo e consulta para o desenvolvimento do domínio das estruturas linguísticas da Libras, principalmente porque os exemplos são dados em língua de sinais, e não apenas em glosas da Libras.

---

## Atividades

1. Discuta a necessidade de domínio das línguas envolvidas no ato interpretativo e tradutório levando em consideração (1) distorções semânticas e pragmáticas em menor ou maior grau do conteúdo veiculado na língua-fonte e (2) escolhas lexicais inapropriadas identificadas por Quadros (2007) nas amostras de interpretação da língua portuguesa para a língua de sinais que serviram de base para o seu trabalho.

---

---

---

---

---

---

2. Discuta a diferença de marcação anafórica na Libras e no português e a que se deve tal diferença.

[illegible]

3. Com base no discutido na aula sobre variação linguística regional na Libras, qual seria o posicionamento adequado do tradutor e intérprete quanto ao uso de uma “variedade padrão”?

[illegible]

---

## Referências

AVELAR, Thaís Fleury. Entrevista com tradutores surdos do curso de Letras Libras da UFSC: discussões teóricas e práticas sobre a padronização linguística na tradução de Língua de Sinais. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

MALMBERG, Bertil. **A Língua e o Homem**. Tradução de: LOPES, M. Rio de Janeiro: Nórdica Ltda., 1976.

QUADROS, Ronice Müller de. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. MEC, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier de. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. *In*: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Viva**. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

\_\_\_\_\_. **Escola de Tradutores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

---

## Gabarito

1. O esperado é que o aluno reconheça que essas falhas seriam mais facilmente evitadas se os profissionais tivessem pleno domínio das línguas envolvidas na interpretação. Pleno domínio que consiste em usar as línguas e conhecer como funcionam, sua estrutura, de forma a usar esses conhecimentos como instrumentos de trabalho, solucionando problemas.
2. O aluno, preferencialmente, deve mostrar os recursos empregados para o emprego da anáfora em cada língua e usar exemplos, reconhecendo que a diferença de recursos se deve à modalidade divergente de língua. No português, as relações anafóricas podem ser estabelecidas por meio de pronomes. Como no seguinte caso “Eu falei com Maria, ela me disse que estava tudo

bem”, em que “ela” retoma “Maria”. Na língua de sinais, essa relação é estabelecida através do uso do espaço. A partir do momento que se estabelece uma posição no espaço para um referente, toda vez que for necessário retomá-lo o sinalizante volta àquele espaço preestabelecido. Assim, na Libras, o “eu” é referenciado no corpo do próprio sinalizante, e o “Maria” pode ser referenciado à esquerda de seu corpo, no espaço neutro, assim, quando precisar falar de Maria novamente, o sinalizante apontará para a sua esquerda.

3. A resposta mínima deve contemplar o fato de a Libras ainda não ter o que se possa chamar, a rigor, de uma variedade padrão, mas que o desejável é que o intérprete leve em consideração que deve usar os sinais comuns à comunidade de fala para a qual se dirige, empregando regionalismos só se o objetivo do palestrante estiver especificamente relacionado a eles, podendo ser alcançado apenas por meio do emprego dos mesmos.

[illegible]

